

Arte e intervenção

Intervention and art

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

*Portugal, par académico interno e editor da Revista Croma.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

Há um compromisso entre o artista e a sociedade. Não é possível retirar a arte do seu contexto social (Dewey, 1980; Hauser, 1998; Malraux, 2014). Neste projecto, em que se desafiam os criadores a pesquisar a obra de outros criadores, reúnem-se aqueles artigos que melhor demonstram a responsabilidade e a solidariedade entre os criadores e os seus pares sociais. São obras, artistas, projetos, plataformas de intervenção, projetos que enfatizam as relações sociais como suporte (Irwin, 2008; Swanson, 2008).

Sob esta temática geral foram reunidos 25 artigos para este número 6 da Revista Croma, em linhas de exploração variadas e mantendo a elevada internacionalização da revista: mais de noventa por cento das publicações são exógenas à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa ou do CIEBA, a sua unidade de investigação. Este é um indicador procurado e atingido de modo consistente em todos os exemplares publicados até hoje, e que se espera poder afirmar com continuidade.

O artigo de Marta López (Vigo, Espanha), “Corpo-realidad: arte, tecnología y lo aparentemente invisible,” aborda a obra de Maria Castellanos Vicente e o seu colectivo uh513, especificamente na área dos wearables, da performance e instalação explorando dispositivos de intermediação. Explora-se o visível aos olhos e o visível à câmara vídeo infra vermelhos, ou os dispositivos que permitem ouvir e ver como uma planta vive. Ou o nosso reflexo ao espelho, ou ainda a própria pele.

No texto “O risco e a sorte dos viajantes: os mundos de Alina Duchrow,” Ana Cristina Mendes (Ceará, Brasil) acompanha o projeto no qual Alina Duchrow, de viagem à Tunísia, aceita participar: uma encomenda, uma peça de roupa, um desafio de interação efêmero e respectiva documentada em caderno, antes de passar ao seguinte dos participantes, em outros países.

Elaine Tedesco (Rio Grande do Sul, Brasil) no artigo “Imagens flutuantes e espaços públicos na obra de Klaus W. Eisenlohr” estuda as intervenções em espaços públicos deste autor alemão, investigando a “caixa negra” da fotografia (Flusser, 1985) e as suas opacidades electrónicas.

Em “Repetição e resgate: o gesto na poética de Nelson Félix,” Iracema Barbosa (Brasília, Brasil) apresenta a pesquisa em torno da intervenção junto de organismos vivos, atualizando os debates éticos sobre a reificação e sobre o território, dentro das suas idiossincrasias. Aqui Nelson Felix substitui, por exemplo, uma pérola por um diamante, no interior da ostra viva. Noutro trabalho, uma escultura em mármore encerra no seu interior uma segunda peça inalcançável.

O território é também a interrogação do artista Marcelo Moscheta, que Priscila Rampin (Rio de Janeiro, Brasil) dá a conhecer no texto “Anotações de um artista-viajante: considerações sobre o processo criativo de Marcelo Moscheta.” As pedras de uma fronteira são diferentes das outras pedras? Um traço no Ártico tem algum significado?

O artigo “Mar de Tierra: criação de Miquel Barcelò para a Catedral de Palma de Mallorca,” por Regina Lara Silveira Mello (São Paulo, Brasil) apresenta a obra em barro cozido, de grandes dimensões, realizada por Barcelò para as paredes interiores da Catedral La Seu, em Palma de Maiorca, Espanha.

Eriel Santos (Bahia, Brasil), em “Imagens inauditas nos retratos íntimos de Fábio Magalhães” apresenta as naturezas-mortas de carnes cruas e expostas, num estudo das fronteiras dos vivos.

O texto “Juan Cantizzani: taller Aural. Spatial Perception Study #12,” por Gonzalo Rey (Vigo, Espanha), aborda o trabalho sonoro que Juan Cantizzani desenvolve para apresentar em Pontevedra, Espanha, em conjunto com intervenções junto de novos públicos, na forma de *workshops*.

Cláudia França (Minas Gerais, Brasil) no artigo “Objeto, apreensão e performance na construção de um desenho de Leticia Grandinetti” dá-nos a conhecer as performances de Grandinetti, em que objetos domésticos, de cozinha, são usados pra desenhar, metal na parede: reatualiza-se a performance de Martha Rosler, *Semiotics of the Kitchen*, 1975, 6’05” [filme p/b sonoro].

A capa deste número da Revista Croma, uma instalação de Pedro Hurpia, foi originada a partir das imagens apresentadas no artigo de Paula Almozara

(São Paulo, Brasil), "Experiências poéticas contemporâneas: uma relação inevitável entre fotografia e pintura." O trabalho de Hurpia coloca o dispositivo 'pintura' nos seus limites essenciais: o observador, que fora constituído aquando da invenção da perspectiva, torna-se agora o agente da vigilância representada. As imagens são perigosas. O centro de recolha de informação, irónico, pode ser também a arte, que assim o denuncia. A pintura resiste à cegueira onisciente do *streaming*.

Ainda dentro do tema das imagens de vigilância ou de identificação, a autora María Reyes González (Granada, Espanha), no artigo "137 pasos y uno más: reinterpretándonos a la luz de la obra de Asunción Lozano," debruça-se sobre a obra desta última artista, que integra a dimensão da identidade e da substituição nas suas instalações e intervenções gráficas e fotográficas.

O texto "A intensidade estética na obra de Guillermo Kuitca: experiência do olhar," de Fábio Wosniak & Jocielle Lampert (Santa Catarina, Brasil), discute a obra do argentino Kuitca, especificamente uma pintura 'selvagem' dos anos 80, *el mar dulce*, onde o espaço palaciano amplifica uma solidão contemporânea do sexo praticado por muitas pessoas, miniaturizadas, esmagadas pela diferença de escala, separadas de si mesmas.

Numa outra exibição do corpo sexualizado pelo flash do observador, os desenhos a caneta *bic* de Francisco Casas, apresentados por Carlos Rojas & Paco Lara-Barranco (Sevilha, Espanha), no artigo "Juan Francisco Casas: hedonismo doméstico como reflejo de una sociedad líquida," parecem interrogar as dimensões da imagem, a sua superficialidade tátil, a sua disponibilidade quase sexual: a cultura parece ter uma pele (Kerkhove, 1997).

Em "Elementares: o desenho instalação de Ana de Sena," por Carlos Eduardo Borges (Espírito Santo, Brasil), é apresentada uma instalação de desenho que preenche a totalidade do 'cubo branco' (O'Doherty, 2007) da galeria, interrogando-o por dentro da sua oficialidade e reivindicação de insubstituibilidade.

Joana Tomé (Lisboa, Portugal), no texto "Subjectividade nómada: novas cartografias do feminino em Kathleen Petyarre," debate as cartografias femininas apresentadas pelas paisagens australianas e aborígenes de Petyarre, onde a mobilidade é identitária, numa afirmação do descentramento essencial, sozinho na paisagem.

Sandra Gonçalves (Rio Grande do Sul, Brasil), em "Belvedere: lugares da memória," introduz as fotografias do brasileiro Bob Wolfenson, e da sua série Belvedere. Procura-se, também aqui, a identidade, a memória.

O artigo "Hai Kai: poemas picturais de Ema M," por Zalinda Cartaxo (Rio de Janeiro, Brasil), debruça-se sobre a exposição de Ema M. na galeria

Amarelongro, no Rio de Janeiro. Seis poemas hai kai são o ponto de partida para mostrar o invisível, ou ‘pintar a palavra.’

Teresa Matos Pereira (Lisboa, Portugal), no artigo “Délio Jasse: ensaios sobre a memória e o esquecimento,” apresenta o artista angolano Délio Jasse que revisita os processos fotográficos para os reinterpretar, segundo o tema da identidade, arquivo, e pós-modernidade e pós colonialismo, questionado aspectos do diálogo norte-sul através da exposição de fotografias feitas para o acesso impossível ao espaço Schengen.

Ainda sobre as relações identitárias e o seu desenraizamento, o texto “‘Transportadores de Memórias’ de Rodrigo Bettencourt da Câmara: Cabo Verde no Vale de Chelas,” por Teresa Palma Rodrigues (Lisboa, Portugal), detém-se sobre a série de fotografias de Rodrigo Bettencourt da Câmara nos terrenos urbanos em Lisboa plantados por cabo-verdianos com plantas daí originárias, como a cana-de-açúcar: procura-se o paraíso perdido.

Rafael Resende (Espírito Santo, Brasil), no artigo “A pintura de Lincoln Guimarães Dias enquanto uma dialética entre a ordem e o caos,” interroga os princípios de pesquisa filosófica numa pintura que exhibe a sua fragmentação, a sua separação pictórica, dela se alimentando plasticamente.

Em “Para olhar o mar através dos teus olhos: um corpo vibrátil entre dois continentes,” Cláudia Paim (Rio Grande do Sul, Brasil), visita a obra em vídeo de Ana Maio, polarizada entre duas localidades opostas, a Póvoa do Varzim, Portugal, e Porto alegre (Brasil), parecendo querer olhar a viagem do tempo, o vínculo original e identitário.

Neide Marcondes & Nara Martins (São Paulo, Brasil), no artigo “Além das Obras: o artista colombiano Oscar Murillo e o brasileiro Thiago Martins de Melo,” Apresentam um olhar abrangente sobre dois artistas, o colombiano Oscar Murillo, e o brasileiro Thiago Melo, ambos com referência a uma figuração selvagem, com referências ora mais antigas (os grandes temas mitológicos) ora mais recentes (Basquiat).

Na secção de “Artigos Originais por Convite” contamos, nesta edição da Revista Croma, com dois artigos.

No artigo “Oriol Vilapuig; ‘Tan funesto deseo:’ el ensayo, como oscilación entre ser, pensar y hacer,” de Josep Montoya (Barcelona, Espanha), visita-se a obra de Oriol Vilapuig, a sua exploração do ensaio entendido como prática e como pensamento, articulando as dimensões plásticas e conceptuais com a hibridação de recursos expressivos e imagens *ready-made*.

António Delgado (Lisboa, Portugal) em “Paragens de nenhum lugar” aborda a obra da dupla de artistas bascos Amaia Lekerikabeaskoa & Isusko

Vivas articulando o seu imaginário com a realidade pós industrial e urbana de Bilbao.

As diferentes perspectivas apresentadas nos variados artigos expõe a obra de autores que exploram dimensões relacionais ou perante as quais o espectador é convocado a deslocar o seu posicionamento, a desassossegar-se. A implicação surge como resultado da articulação expressiva dos recursos mais variados, em constante mistura, exibindo o modo como as dimensões materiais e ideais são fundadoras das diversas propostas.

Nesta revista não há indiferença, há diferenças.

Referências

- Dewey, John (2005) *Art as experience*. London: Penguin books. ISBN 0-399-53197-1
- Flusser, Vilém (1985) *A Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec.
- Hauser, Arnold (1998) *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN: 9788533608375
- Irwin, Rita L. (2008). "Communities of a/r/tographic practice." In S. Springgay, R. Irwin, C. Leggo, & P. Gouzouasis (Eds.), *Being with a/r/tography* (pp.71-80). Rotterdam, the Netherlands: Sense.
- Kerkhove, Derrick (1997) *A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrónica*. Lisboa: Relógio d'Água. ISBN: 9789727083411
- Malraux, André (2014) *O Museu imaginário*. Lisboa: Edições 70. ISBN: 9789724416472
- O'Doherty, Brian (2007) *no interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN 9788533616868
- Swanson, Dalene (2008). "Shadows between us: An a/r/tographic gaze on issues of ethics and activism." In S. Springgay, R. Irwin, C. Leggo, & P. Gouzouasis (Eds.), *Being with a/r/tography* (pp. 179-186). Rotterdam, the Netherlands: Sense.